

## 2022: NÓS VENCEMOS! TRAMAR O “BEM VIVER”<sup>12</sup>

### 2022: We Win! Plot or “Good Life

**Lêda Gonçalves de Freitas**<sup>3</sup>

Universidade Católica de Brasília (UcB)<sup>4</sup>  
Brasília, Distrito Federal, Brasil.

**Liliam Deisy Ghizoni**<sup>5</sup>

Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
Palmas, Tocantins, Brasil

O nosso editorial de fechamento de 2021 – “O Trabalho e a Pandemia do Capital” – abrangeu um pensar sobre a catástrofe da pandemia da Covid-19 no Brasil, combinada com a precariedade do trabalho e o enfrentamento irresponsável do governo, que não somente deixou pessoas morrerem por falta de oxigênio como mangou dos que sufocaram por falta de ar. Além disso, o projeto autoritário e neoliberal tomou conta de todas as áreas do governo. O relatório do Tribunal de Contas da União - TCU (Brasil, 2022)<sup>6</sup> revela alto risco para a Administração Pública Federal em 29 áreas em virtude de vulnerabilidade à fraude, desperdícios, má gestão e abuso de autoridade. Com isto, as áreas mais afetadas foram educação, saúde, meio ambiente, prestação de serviços, crescimento econômico, entre outras. Foram quatro anos de um poder que destruiu a ciência, a saúde, o meio ambiente, a democracia e as políticas públicas de garantia de direitos sociais.

O Brasil do último período tem vivenciado o neofascismo contemporâneo, conforme Barroco (2022)<sup>7</sup>. O neofascismo brasileiro revela-se, segundo a autora, por meio das práticas do atual governo na forma de: negacionismo da ciência e da história; desprestígio ao conhecimento, à cultura e à educação; ataques aos direitos de mulheres, negros, povos indígenas

<sup>1</sup> Editorial do Volume 7, ano 2022, elaborado pelas Editoras Gerais da Revista Trabalho Encena.

<sup>2</sup> Copyright © 2022 Freitas & Ghizoni. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons. Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

<sup>3</sup> [ledag@ucb.br](mailto:ledag@ucb.br)

<sup>4</sup> Quadra 109 Norte –Av NS 15 -BALA 2 -Sala 15 -Plano Diretor Norte, Palmas TO –Brasil -CEP 77001-923.

<sup>5</sup> [ldghizoni@gmail.com](mailto:ldghizoni@gmail.com)

<sup>6</sup> Brasil. Tribunal de Contas da União (TCU). (2022). *Lista de alto risco da administração federal 2022*. <https://sites.tcu.gov.br/listadealtorisco>.

<sup>7</sup> Barroco, Maria L. da S. (2022). Direitos humanos, neoconservadorismo e neofascismo no Brasil contemporâneo. *Serviço Social & Sociedade* [on-line]. 143, 12-21. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.268>

e população LGBTQI+; acossamento aos movimentos de esquerda, como falas do presidente propagando que o erro da ditadura foi apenas torturar e não matar; discursos moralistas no âmbito sexual, de forma machista e homofóbica; nacionalismo em torno das cores da bandeira brasileira; incentivo ao ódio e armamento da população; precarização dos direitos sociais e trabalhistas; reverência à violência e ao militarismo; uso da religião para disseminar ódio e violência.

Essas práticas neofacistas se encravaram no governo que se encerra. No entanto, esse poder foi derrotado pelo voto da população brasileira, apesar de todos os mecanismos de fraude utilizados pelo atual governo para ganhar as eleições. Ainda assim, NÓS vencemos! Vencemos a máquina governamental de mentiras e trapagens, o discurso do ódio, o falso patriotismo e os falsos profetas do “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Vencemos com o voto popular, sem armas e sem ódio.

Vencemos com o voto popular, mas, o imaginário neofascista não termina. Este está e estará o tempo todo nos assombrando, pois o grande capital precisa dos dispositivos autoritários para continuar sua produção e reprodução. Faz-se necessário, a partir do nosso lugar de pesquisa, estudo e escrita, tecer outros modos de ver as nossas desigualdades e apontar saídas democráticas para suplantar tantas misérias.

De todo modo, NÓS vencemos! Vencemos ao derrotarmos o projeto conservador neofascista pelo dispositivo democrático das eleições em 2022. Tal dispositivo foi vilipendiado o tempo todo pelos agentes do fascismo em ação nos últimos quatro anos. Para nós, pesquisadores críticos do mundo do trabalho, importa a liberdade do pensar, sentir e agir. Importa a democracia, porque esta, como nos ensina a filósofa Marilena Chauí<sup>8</sup>, é o único regime político em que a forma social da sociedade é coletiva. A democracia controla o poder e convoca os cidadãos à participação, pois a política é ação coletiva. Na democracia os cidadãos são sujeitos de direito; portanto, onde não há direitos, tem-se o direito de por eles lutar. Assim, na democracia, o conflito é permitido e fabrica direitos, não limitando a um grupo exclusivo da sociedade o acesso a tudo que a humanidade construiu.

À vista disso, a caminhada continua para nós da Revista Trabalho En(Cena) que resistimos às pandemias, seja a do vírus, a do capital quanto a do neofascismo. Agora, a Revista segue com mais potência de ser e de criar espaços de pensamento e ação, com o intuito de encarar as desigualdades sociais de renda, raça e gênero. Cabe-nos, por meio das nossas publicações críticas e inventivas, contribuir com a construção de uma democracia mais

---

<sup>8</sup> Chauí, M. (2013). Democracia e sociedade autoritária. *Comunicação & Informação*, Goiânia, Goiás, 15(2), 149-161. <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24574>.

profunda e, também, superar a colonialidade do poder com vistas a enfrentar o neoliberalismo, o trabalho precário, o racismo, o sexismo e a LGBTfobia.

Neste contexto de possibilidades com a superação do fascismo pelo voto popular, faz-se necessário “coçar o pensamento”, ainda mais, em direção ao pensar decolonial que nos convoca a construir um imaginário que enuncie as alteridades sufocadas pelo colonialismo. Uma imersão das nossas pesquisas nos saberes dos Povos Originários, na expressividade da Cultura Negra e na força da Periferia Brasileira, a fim de entender o nosso mundo, o nosso lugar por meio das histórias apagadas, reduzidas, diante do olhar eurocêntrico.

A filosofia do “Bem Viver”<sup>9</sup>, nos chama a imaginar outros mundos. Para tanto, apresenta uma cosmovisão dos Povos Originários por meio de um viver comunitário e coletivo. O “Bem Viver” propõe uma ruptura com o individualismo, a superioridade do ser humano e o desenvolvimento capitalista que tudo destrói. Para a filosofia do “Bem Viver”, o desenvolvimento capitalista é um “mau desenvolvimento”. Imaginar outros mundos passa pela organização comunitária bem como pelos direitos humanos e ambientais. Assim, a harmonia com a natureza é central para essa filosofia, tal qual a oposição à acumulação perpétua.

“Oxalá”, com as brechas que se abrem em nosso país com a perspectiva de mais democracia e mais direitos humanos e sociais, possam ter a filosofia do “Bem Viver” como uma inspiração para gestar outros mundos; e que os princípios de reciprocidade, relacionalidade, complementaridade e solidariedade consigam nos contagiar para imaginar outros mundos possíveis.

---

<sup>9</sup> Acosta, A. (2016). *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Tradução: Tadeu Breda. Autonomia Literária/Elefante.

